

# F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

DOSSIÊ

LINGUÍSTICA POPULAR | FOLK LINGUISTICS

VOLUME 16, NÚMERO 4, JUL./SET. 2019

ORGANIZAÇÃO:

ROBERTO LEISER BARONAS\* E MARIA INÊS PAGLIATINI COX\*\*

“O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui nem o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas o povo, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente. Por isso, o elemento corporal [e discursivo] é/[são] tão magnífico[s], [às vezes] exagerado[s] e infinito[s]. Esse exagero tem um caráter positivo e afirmativo. O centro capital de todas essas imagens da vida corporal, [discursiva] e material são a fertilidade, o crescimento e a superabundância.” (Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*)

---

\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCL/UNESP – Câmpus de Araraquara – SP e Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR e Pesquisador do CNPq, nível 1D. E mail: baronas@ufscar.br.

\*\* Doutora em Educação pela UNICAMP e Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFMT). E mail: minescox@hotmail.com.

Este *Dossiê* (re)inaugura a possibilidade de compreender os estudos da linguagem, produzidos em solo brasileiro, não mais a partir de uma relação dicotômica: de um lado, os estudos científicos, pertinentes, relevantes e, de outro, os saberes populares, profanos, equivocados acerca da língua. Falamos em (re)inauguração, pois, embora não exista o campo de estudos em linguística popular no Brasil, as discussões populares sobre a língua desde alhures estão presentes no nosso cotidiano. Por exemplo, toda a descrição que Anchieta fez do Tupinambá no século XVII, os glossários elaborados pelos viajantes europeus nos séculos XVIII e XIX, ou mesmo as disputas entre os modernistas e os parnasianos sobre a existência/necessidade de uma língua nacional no final do XIX e início do século XX ou o magistral trabalho realizado por Amadeu Amaral em seu *O Dialeto Caipira*, além das recentes polêmicas entre gramáticos, linguistas e não-linguistas sobre o livro *Por uma vida melhor* poderiam ser designados como fazendo parte de uma linguística popular/*folk linguistics*. A rigor, a *folk linguistics* designa todo o trabalho sobre linguagem, isto é, os saberes espontaneamente construídos pelos mais diversos atores sociais, que não estão necessariamente fundamentados em uma suposta teoria científica da linguagem. Não estar fundamentado em uma teoria científica não invalida esses saberes.

Trata-se de pensar na esteira da pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau (2008) para quem as abordagens científica e popular são antieliminativas. Com base em Paveau, entendemos a linguística popular de maneira escalar e não binária, isto é, não está em contradição com a linguística acadêmica, podendo, portanto, a primeira ser plenamente integrada a um estudo científico da linguagem. Como sabiamente afirma Paveau (2008, p. 8), “[...] os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística”.

É com esse espírito científico<sup>1</sup> e popular, em que os dois últimos termos dialogam polifonicamente, apesar da aparente contradição historicamente construída, que o presente número foi pensado, resultando nos seis artigos que então publicamos. Esses textos foram organizados a partir das quatro dimensões propostas por Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau (2008) acerca da linguística popular: epistemológica, teórica, representacional e prática.

Abre o *Dossiê* o artigo **Linguística popular: a linguística ‘fora do templo’: definição, geografia e dimensões** de autoria de Guy Achard-Bayle e de Marie-Anne Paveau. Neste texto, os autores, tomando basicamente um conjunto de trabalhos publicados inicialmente na revista francesa *Pratiques: linguistique, littérature e didactique*, número 139/140, em dezembro de 2008, discorrem sobre o estado da arte da linguística popular no contexto norte-americano e europeu. Para além de um mapeamento, os autores também realizam uma espécie de conceitualização da linguística popular, contribuindo para o tratamento desse campo de estudos a partir de questões de natureza epistemológica, teórica, prática e representacional que, segundo os autores, são fundamentais para que o campo da ciência da linguagem seja alçado a um dinamismo seguro sem binarismos de qualquer natureza.

Na sequência, as autoras Neila de Oliveira Bornemann e Maria Inês Pagliarini Cox, no artigo intitulado **Mário de Andrade: um sociolinguista folk**, defendem que o escritor Mário de Andrade, por suas reflexões sobre a língua ou fala brasileira, pode ser designado como um linguista *folk*. Desejando estabelecer uma norma linguística brasileira, formalmente coerente com a expressão literária nacional, até então – início do século XX – refém do padrão lusitano, o escritor modernista empenhou-se, numa visada globalizante, por meio do projeto da Gramatiquinha, para captar o falar médio dos brasileiros que identificaria falantes rurais e urbanos, das diversas regiões do país e de todas as classes sociais. Segundo as autoras, no contínuo proposto por Paveau (2008), há um lugar para escritores e ensaístas que realizam descrições e intervenções no padrão linguístico. É nessa perspectiva que se reflete sobre enunciados de Mário que fazem dele uma espécie de sociolinguista *avant la lettre*.

No terceiro artigo, intitulado **Notas sobre a possibilidade de um trabalho no carrefour epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso**, Roberto Leiser Baronas e Tamires Cristina Bonani Conti analisam discursivamente de maneira não exaustiva um trabalho que, pela definição de Paveau (2008), pode ser inscrito na linguística popular e que circula no contexto

<sup>1</sup> Como bons ladrões de palavras, tomamos de empréstimo essa expressão do livro de Gaston Bachelard *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*, publicado em francês em 1938, traduzido para o português por Estela dos Santos Abreu e publicado pela editora Contraponto do Rio de Janeiro em 1996. Todavia, embora concordemos com o filósofo francês em muitos pontos acerca da construção do conhecimento científico, discordamos deste autor, sobretudo, no que concerne às experiências primeiras dos sujeitos serem obstáculos para a produção da ciência.

brasileiro no formato dicionário: o *Dicionário Aurélia: a dicionária da língua afiada*, publicado em 2006, pela Editora Bispa, de autoria dos jornalistas Victor Ângelo e Fred Libi.

No artigo intitulado **As lições inovadoras de Rubens do Amaral no texto ‘O ensino do português’**, Criseida Rowena Zambotto de Lima e Maria Inês Pagliarini Cox, a partir da proposta da linguística *folk* (PAVEAU, 2008), exploram a atualidade das ideias de Rubens do Amaral sobre o ensino de língua materna. Em um curto texto, publicado em 1939, o autor antecipa, em meio século, a crítica à confusão entre ensino de língua e ensino de gramática, apresentando linhas mestras do novo paradigma de ensino com base no eixo *uso-reflexão-uso*, que viria a ser urdido a partir da década de 1980 pela linguística. Compreendendo, com a Paveau, que os saberes linguísticos *folk* podem constituir teorias sociais da linguagem, buscam correlacionar o discurso desse não-linguista, que produz saberes linguísticos espontâneos, a discursos provindos de conhecimentos linguísticos cientificamente validados pelas teorias linguísticas e consolidados em políticas curriculares de ensino, considerando as abordagens científica e popular como antieliminativas.

As pesquisadoras Joyce Elaine de Almeida Baronas e Ligiane Aparecida Bonacin, no artigo intitulado **Crenças e atitudes linguísticas de falantes do dialeto caipira: em torno da dimensão prática e representacional da linguística popular** buscam analisar crenças e atitudes de falantes do dialeto caipira a respeito de seu próprio falar. Trata-se de uma reflexão a respeito do estigma que carrega esse dialeto no contexto brasileiro, a ponto de os próprios usuários apresentarem preconceito sobre ele, com atitudes de reprovação e correção linguística. Os dados deste estudo constituem parte de um corpus maior, coletado durante a realização do trabalho de mestrado de uma das autoras deste artigo.

Finaliza o *Dossiê* o artigo de Lígia Menossi de Araújo e Marco Antônio Almeida Ruiz, intitulado **Estereótipos básicos e estereótipos opostos: representações do dialeto caipira em discursos institucionais e científicos**. Neste artigo, com base na dimensão representacional da linguística popular, proposta por Paveau (2008), inicialmente os autores objetivam testar a fecundidade da teoria dos estereótipos básicos e opostos, proposta por Possenti (2010), em discursos de diferentes campos produzidos sobre o dialeto caipira. Na sequência, os autores refletem como essa teoria brasileira de discurso poderia contribuir para o burilamento do olhar sobre esse dialeto no ensino e, por conseguinte, compreender a circulação do estereótipo do caipira em nossa sociedade. Com base nesses objetivos, os autores mobilizam como *corpus* de análise primeiramente enunciados postados em *site* oficial, destinado a professores de língua portuguesa. Tais enunciados constituem um plano de aula que tem como temática o caipira e seu dialeto. Como *corpus* auxiliar, os autores mobilizam também discursos científicos provenientes dos estudos do Projeto História do Português Paulista e do Projeto Caipira que, nas últimas décadas, produziram trabalhos que buscam a desmistificação do estereótipo do caipira como um sujeito matuto ou ingênuo, bobo ou inteligente etc.

Agradecemos vivamente a todos/as pareceristas que com *olhos de lince* nos ajudaram a apresentar aos interessados/as em questões de linguagem artigos com menos problemas, sobretudo os que ficam escondidos nos cantos dos textos. Agradecemos também ao Editor da Revista Fórum Linguístico, Professor Dr. Atilio Butturi, bem como o egrégio Conselho Editorial, o espaço acadêmico, para que as primeiras estacas da fundação de um novo campo nos estudos da linguagem, o da linguística popular, fossem edificadas também em terras brasileiras, instigando outros/as pesquisadores/as a propor outros trabalhos acerca da(s) temática(s) aqui perquirida(s).

**Roberto Leiser Baronas e Maria Inês Pagliarini Cox**

*Organizadores*